

Narrativas da violência: ecosofia à margem no cotidiano escolar

Narratives of violence: ecosophy outside the everyday school life

Ivan Fortunato*
Marta Catunda**

* Doutorando em Geografia pelo IGCE-UNESP. Mestrando em Educação pela UNINOVE. Pedagogo pela FCLAR-UNESP. E-mail: ivanfrt@yahoo.com.br.

** Doutoranda em Educação pela UNISO. Mestre em Comunicação pela ECA-USP. Pedagoga pela UFMT. Bolsista CAPES. E-mail: marta_catunda@hotmail.com.

Resumo

Nesse trabalho, apresentamos posição reflexiva com apoio da ecosofia de Guattari para analisar ou mesmo reencantar a relação que há entre educação e sociedade para compreensão mais detida dessa violência que envolve o cotidiano escolar que possa revelar e estimular um diálogo intenso sobre o assunto. Nesse sentido indicamos algumas saídas iniciais ou, motivações partindo dos testemunhos dos próprios atores do processo educativo Para aproximar desse movimento crítico, como a reterritorialização da sala de aula e das relações do aprender – porque o discurso acadêmico não deve somente legitimar o estado de barbárie, ou tratá-lo como caso de polícia, mas, propor aos professores uma atitude concreta para movimentar a dinâmica ecológica que despertem uma profunda reflexão em relação à valorização da vida.

Palavras-chave

Violência. Cotidiano escolar. Educação ambiental.

Abstract

In this paper, we present a reflective position – with the support from Guattari's ecosophy – to analyze or even re-enchanted the relationship that exists between education and society for a more detailed understanding of such violence that surrounds the school routine and which might encourage an intensive dialogue on the subject. In this sense it's indicated some initial outputs or motivations based on testimonies of the actors in the educational process themselves to bring this critical movement, such as repossession of the classroom and the relationships of learning - because the academic discourse should not solely legitimize the state of barbarism, or treat it as a case of police, but propose the teachers a concrete action to move ecological dynamics that stimulate deep thought about the valuation of life.

Key-words

Violence. Everyday school life. Environmental education.

Introdução

A mídia aborda, cada vez mais, fatos ocorridos no cotidiano escolar que são relatos de violência perversa contra os três registros ecológicos indicados por Félix Guattari (2001): o meio ambiente, as relações sociais e a subjetividade humana. Segundo Guattari, a natureza, a individualidade antrópica e as relações sociais são registros singulares, ao mesmo tempo em que estão interligados por movimentos dinâmicos. Esses meios vivos, ambiente/relações/subjetividade, perpassam uns pelos outros e não há como separá-los ou compreendê-los separadamente. Assim, de acordo com a construção teórica de Guattari, o que acontece com o ambiente, modifica a sociedade e também a mentalidade, reciprocamente. Nessa direção, por conta dessa inter-relação dinâmica, qualquer degradação em um desses registros acarreta implicações mútuas.

A banalização da violência se torna discurso onipresente na mídia, criando, no cotidiano, uma estética da violência. Essa estética também se apresenta na escola, e não são poucas as notícias que deflagram ataques contra todos os registros ecológicos: são depredações contra o patrimônio material da escola, depredando o registro ambiental; também são as brigas violentas de alunos c/alunos – como é o caso do *bullying*, que ganha notoriedade na imprensa – e de alunos c/professores (relações sociais), que acabam por influir no indivíduo professor e no indivíduo aluno, no sentido de minimizar a relação consigo mesmo (subjetividade humana)

no processo educativo. A educação escolar sozinha não consegue mais dar conta desse ambiente conturbado, mas fica com o ônus, que é também reflexo de um ambiente social frágil, acuado e que reluta em reagir, resultando em bordões que clamam que a educação não tem mais jeito.

Fato é que para compreender essa violência, e a perversidade que a estimula dentro do ambiente escolar, a análise, as medidas preventivas e saneadoras, precisam ultrapassar os muros escolares e perpassar a sociedade como um todo – como lembra Paulo Freire, a escola é apenas um subsistema de um sistema maior e que todos (subsistemas e sistema) estão em relações dinâmicas. Segundo Paulo Freire:

Fala-se da crise da escola como se ela existisse desgarrada do contexto histórico-social, econômico, político da sociedade concreta onde atua; como se ela pudesse ser decifrada sem a inteligência de como o poder, nesta ou naquela sociedade, se vem constituindo, a serviço de quem e desservindo a quem, em favor de quem e contra quem. (FREIRE, 1980, p. 3).

Nesse trabalho, as reflexões sobre a ecosofia de Guattari tem como objetivo vitalizar a dinâmica entre a educação e a sociedade para compreensão da violência que envolve o cotidiano escolar. A sociedade, como indica Maffesoli (2007, 1998, 1997, 1996) ao descrever o nomadismo pós-moderno, encontra-se em um processo *neobárbaro*, recheado de violências perversas contra o meio ambiente (aquecimento global, derramamento de petróleo, grandes represas, queimadas etc.), contra o próprio

ser humano (guerras militares, civis e ideológicas) e contra si mesmo (histeria, síndrome do pânico, ansiedade). Esse processo violento tem reflexo contundente dentro dos muros escolares, como ilustram as narrativas que aqui compartilhamos. A intenção é a partir das narrativas que infestam o cotidiano escolar avaliar mais de perto o que está ocorrendo no ambiente relacional e assim identificar alguns indicadores que podem vir a fornecer estímulos ao enfrentamento concreto dessa situação. Enfrentamento que clama por uma educação viva.

Relações ambientais e violências narradas dentro das escolas

Violência não é um fenômeno recente: Pesavento (2006, p. 1) explica que “a violência é antiga, parece ser mesmo congênita na trajetória do homem sobre a terra, ou mesmo antes, se remontarmos aos mitos ancestrais”. Historicamente, a violência tem sua utilidade na natural cadeia de sobrevivência, na qual há a luta pela vida. Porém, em grosseira síntese, essa violência natural evoluiu no ambiente antrópico desse estatuto de sobrevivência para uma perversidade incontrolável e até mesmo inexplicável. A violência perversa permeia todas as esferas da sociedade. Waiselfiz (2010, p. 9) explica que “o contínuo incremento da violência cotidiana configura-se como aspecto representativo e problemático da atual organização da vida social, especialmente nos grandes centros urbanos, manifestando-se nas diversas esferas da vida social”. Assim, a hostilida-

de está dentro das casas (AZEVEDO *et al.*, 1997; AZEVEDO; GERRA, 2001), no trabalho (LIMA *et al.*, 2008), nas cidades (MORAIS, 1985; GULLO, 1998; CALDEIRA, 2000), no esporte (PIMENTA, 2000; SATREPRAVO; MEZZADRI, 2003), no ambiente virtual da internet (ABRAMOVAY *et al.*, 2009), e na escola (GUIMARÃES, 1996; LUCINDA *et al.*, 1999; NJAINE; MINAYO, 2003 etc.¹).

Na escola, o cúmulo hostil são os tiroteios que matam, como o famoso caso de *Columbine*², nos Estados Unidos. Mas a violência perversa não é somente essa dos jornais que, pelo tamanho e crueldade, ganham espaço público. Os trabalhos de Nilda Alves (2007, 2003) e Inês Barbosa de Oliveira (2009, 2007), dentre outros, apontam que os acontecimentos menores, que envolvem um bairro, uma escola, uma sala de aula, ou até mesmo um único aluno, são de extrema importância para compreensão da dinâmica do cotidiano

¹ A bibliografia sobre violência na/da escola é tão vasta e extensa que limitamos as referências a algumas obras significativas.

² Episódio recontado, em 2003, pelo diretor de cinema Gus Van Sant no filme *Elefante*. O caso, conhecido como o Massacre de Columbine (nome da escola), aconteceu em 20 de abril de 1999 no estado do Colorado, Estados Unidos. Dois adolescentes, estudantes desse colégio, de posse de armas de fogo, atiraram contra colegas e professores, deixando 13 mortos e 21 feridos. Essas informações estão no site da enciclopédia livre wikipedia, http://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_de_Columbine, acesso em 23 de novembro de 2010. No entanto, o caso foi tão veiculado pela mídia, que há inúmeros sites noticiando e discutindo o caso, além de muitos vídeos na internet.

escolar. Estudamos o cotidiano não com a pretensão de formulação de teorias generalizantes, mas somente para a re/formulação de atos políticos para a transformação deste espaço, que é único em suas relações e subjetividades.

A pesquisa com narrativas pode revelar, nessa direção, saídas, diagnósticos e caminhos para os seus casos diários. Baseada nos fatos violentos que se manifestam no cotidiano escolar compreende-se que a educação tem a prerrogativa legítima para buscar saídas, diagnosticar, apontar caminhos e que estes estão dentro da própria escola em seus casos diários. O que temos assistido é que a questão da violência está acuando a sociedade envolvente de tal modo que a escola acaba tratando qualquer assunto ou acontecimento ligado à violência como caso de polícia. E isso ao invés de potencializar a reflexão e levar a uma possível práxis pedagógica partindo dos exemplos de cada escola, para lidar com esse assunto, acaba ficando refém de uma situação de imobilismo que é geral e desfavorável ao processo educativo em si, como um processo dinâmico. Portanto é da natureza da ação de educar a superação, a movimentação, a vitalidade.

O trabalho com narrativas não vem com a pretensão de generalizar os acontecimentos dinâmicos, mas justamente se propõe a resgatar a dimensão subjetiva de nosso estatuto social-maquínico, voltado para as estatísticas e para a padronização de todas as esferas sociais, incluindo aí a educação. Nas narrativas que seguem, fatos isolados são trazidos ao público. Pequeno em sua notoriedade midiática, mas

enorme nas potencialidades dos atores envolvidos, porque limitam as ações do educar. O primeiro passo para reterritorializar essa dimensão perversa é o de se compreender como agente reflexivo para transformação. Narrar o cotidiano é o início dessa práxis.

Educação que vem do berço:

Era um dia de prova final. Como de costume, pedi aos alunos que deixassem seus materiais na minha mesa. As provas foram distribuídas. Era um texto para análise com perguntas discursivas, e não prova de múltipla escolha. De repente, duas alunas começaram a se atracar com puxões de cabelo e arranhões, xingamentos no meio da prova. Pedi para que saíssem e se dirigissem ao Coordenador do Curso. Uma delas chamou a mãe pelo celular. Terminada a prova o Coordenador e as duas alunas me aguardavam, uma delas acompanhada da mãe. Afinal, porque estavam brigando? A mãe que acompanhava uma das alunas disse: "A minha filha não tem culpa de nada, passou horas escrevendo a cola na carteira e agora 'essa aí' [apontado para a agredida] sentou na carteira dela sabendo que tinha a cola lá. Isso não é justo! Ela tem razão de agredir 'essa aí'!. Pasmem!, isso mesmo: a mãe achava muito natural que a filha tivesse feito a cola na carteira e ainda por cima, que por esse motivo torpe tivesse agredido a colega. (MC, professora de teoria da comunicação do curso de comunicação social).

Neste caso, a violência e a impunidade começam dentro dos lares e avançam

no ambiente escolar universitário com seus tentaculares equívocos que estimulam a violência crescente. A padronização da vida segundo Guatarri (1992) levou ao descarnamento das relações sociais que passaram a ser geridas por padrões de competição, de expiação, de estranhamento do outro, que gera aberrações do tipo 'meu filho tem direito' ou 'meu filho é melhor que o outro'. Mesmo que esteja errado, em um mundo tão violento tenho que proteger minha cria a qualquer custo, mesmo que esteja infringindo regras simples e claras do convívio escolar.

A impunidade começa dentro de casa e nas relações de vizinhança, na forma como trato aquele que é igual a mim. Por isso, Guatarri (2001) afirma a necessidade de atentarmos para ossificação das atuais formas de sociabilidade, associabilidade e a laminação dos sistemas particulares de valor que estão na base da interação das gangues, guetos que surgem da falta crônica de solidariedade, esta, seria uma espécie de carne para cobrir a 'ossificação' exposta das atuais instituições.

Tesouras, violência banal e animais como mercadoria

O começo do dia indicava uma segunda-feira normal. O sinal tocou, as crianças fizeram aquela algazarra, mas logo foram para suas salas. Papelada, assinaturas... e uma professora que surge assustada. Ela me contou o que fez SL, aluna do terceiro ano do fundamental: a menina, aparentemente calma, disse que se estressou no final de semana e

matou seu próprio cachorro com uma tesoura de ponta. A mãe se livrou do animal morto e lhe prometeu comprar outro. (CRS, diretora de escola).

A reflexão de Guatarri (1992) aponta para uma questão que nomeia plano de equivalência geral, que em outras palavras pode ser entendido como uma espécie desaparecimento de todo tipo de diferenciações em função da padronização avançada. Diferença por exemplo, entre o que o que é humanidade, solidariedade, e o que é produto, padrão de consumo. Para Guatarri (1992), a equivalência é proporcionada pelo mesmo tratamento padronizado, seja na cultura e o desconhecimento dos valores locais e regionais, seja nos produtos de consumo que já não são mais tratados como coisas, mas como necessidades essenciais à sobrevivência, que já vêm embalados como faz a publicidade, com roupagem de afetos. Neste caso, os *pets* são tratados como adorno e não como seres vivos.

Esse tratamento de adorno dado ao seres vivos pode levar a esse tipo de reação onde o animal de estimação deve ser eliminado, descartado como fazem as crianças com seus brinquedos: se não satisfaz as necessidades afetivas, ou de entretenimento, troca-se por outro de outra raça, abandona-se na rua, troca-se por outro 'produto', desliga-se da tomada, ou banaliza-se a crueldade como narra a diretora CRS. Como se a relação com esse animal-produto pudesse ser descartada, como se pode fazer com aquele brinquedinho popularizado nos anos

1990 chamado de *bichinho virtual*. Nessa relação com a máquina, é possível deixar de interagir, ou simplesmente apagar, desligar e até deixar morrer. Neste caso, o ato violento é signíco de uma sociedade que valoriza mais a morte do que a vida, ou que coloca ambas no mesmo plano de equivalência.

Pior do que não saber é negar-se a aprender³

A aula era normalmente tumultuada. É o que acontece quando mais de cem pessoas dividem a mesma sala de aula abafada e sem acústica adequada. As aulas, espaços destinados à promoção do pensamento crítico no ensino superior reduzem-se a palestras do senso-comum, alienantes para professores e alunos. Obviamente que, nesse processo, sempre há aqueles que se recusam aos limites estabelecidos e superam as imposições do sistema maquínico. O discurso do professor era esse: práxis, reflexão, muita leitura e atos políticos para a transformação do cotidiano escolar. Uma aluna, porta voz dos demais, ergue o braço e 'manda' o professor se calar, porque naquela sala ninguém queria aprender, mas tirar nota para passar nas matérias; o professor deveria dar um 'trabalhinho' valendo ponto, sob pena de ser tachado como mau professor e, portanto, inadequado para a função. (IF, pedagogo e, depois de acúmulos de casos como esse, ex-professor de pedagogia).

³ Frase de José Fortunato Neto, no prefácio do Dicionário Ambiental Básico (2004).

No ensino, a questão do consumo intensivo torna-se central, na qual o professor torna-se, também, parâmetro de consumo, e deve se comportar de forma que satisfaça. Como se aprender fosse um esforço que tem preço para o aluno. Ou seja, o consumismo afeta as relações escolares de diversas formas. De novo, o plano de equivalência atua aqui.

Afinal, tudo é produto, tudo é mercadoria. Já que tenho que *pagar* para aprender, quero agir como faço nas prateleiras do supermercado, escolher o produto-professor e se não posso escolher pelo menos que ele se comporte e não me imponha esforços para aprender. Não se pode queixar desta situação, ela se apresenta como condição limítrofe do plano equivalência geral: são problemáticas multipolares nos registros das três ecologias, para as quais alerta Guatarri (2001).

Alternativas em direção às saídas saudáveis

Uma educação de qualidade depende, antes de tudo, de ambiente pacífico, que ofereça condições físicas e psicológicas favoráveis ao ensino e à aprendizagem. Espaços marcados pela violência em suas diversas formas prejudicam enormemente a educação. (SANGARI, 2010, p. 5).

Essa situação crônica e diária da violência é resultado de uma sociedade civil que insiste em ignorar essas questões cruciais e por isso torna-se incapaz de agregar ações concretas para uma cidadania educativa cumulativa de inte-

rações sociais: A relação entre educação e a violência pode ser encontrada em três vias distintas com suas problemáticas multipolares. A primeira que compreende a violência como parte indissociável da sobrevivência e, assim, pode ser encarada como provedora de vida. A segunda linha é a da violência perversa, que forma um círculo vicioso de violência pela violência. Finalmente, a educação frente à violência é a que busca enfrentamento para com bater a inércia do estado atual e, sobretudo envolver o ambiente relacional, com as questões violentas que ocorrem na escola não apenas como caso de polícia.

Há que se pensar esse movimento crítico, já que a escola é o lócus privilegiado do exercício da cidadania. Algumas dessas saídas podem estar na ecosofia proposta por Guattari, que percebe as potências dos atos políticos moleculares, que começam dentro do próprio ambiente da sala de aula, para movimentar a dinâmica própria dos ambientes de vida. Já trabalhamos⁴ com a ecosofia pela educação ambiental na des/reterritorialização dessa condição perversa que é a violência hostil na sociedade, mas principalmente no alicerce da cidadania, que é a educação. Legitimar o cotidiano e a dimensão subjetiva tem sempre se revelado como saídas saudáveis.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam *et al.* *Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas*. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana - RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEEDF, 2009.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *Teias*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-8, 2007.

_____. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 23, p. 62-74, 2003.

AZEVEDO, Maria Amélia *et al.* *Organização da infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1997.

AZEVEDO, Maria Amélia; GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. *Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Iglu, 2001.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2000.

⁴ Ver Catunda (2003), Fortunato e Catunda (2010 e 2009) e Catunda, Fortunato e Reigota (2010).

CATUNDA, Marta. Educar e cultivar ambientes. In: NOAL, Oliveira Fernando; BARCELOS, Valdo Hermes (Orgs.). *Educação ambiental e cidadania: cenários brasileiros*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 231-251.

CATUNDA, Marta; FORTUNATO, Ivan; REIGOTA, Marcos. *Vozes do cotidiano: narrativas da vida escolar* [resumo]. In: EPIC, UNISO, junho de 2010.

FORTUNATO, Ivan; CATUNDA, Marta. As três ecologias na/da sala de aula. *Revista Horizontes*, Itatiba, v. 28, n. 2, jul./dez., 2010. [no prelo]

_____. Narrativas para ecologia do cotidiano escolar: som gerador e música geratriz. *RECE: Revista Eletrônica de Ciências da Educação*, Campo Largo, v. 8, 2009.

FORTUNATO NETO, José. Prefácio. In: FORTUNATO NETO, J. (Org.). *Dicionário ambiental básico*. Brotas: Rimi, 2004.

FREIRE, Paulo. Apresentação. In: HARPER, Babette *et al.* *Cuidado, escola! desigualdade, domesticação e algumas saídas*. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 11. ed. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUIMARÃES, Áurea Maria. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade*. Campinas: Autores Associados, 1996.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. Violência urbana: um problema social. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-119, 1998.

LIMA, Antonio Paulo Pinheiro et al. *Violência no trabalho: reflexões, conceitos e orientações*. Brasília: Núcleo de Estudos e Ações sobre Violência no Trabalho. Câmara Legislativa do Distrito Federal, 2008.

LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças; CANDAU, Vera Maria. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP & A, 1999.

MAFFESOLI, Michel. *O conhecimento comum*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. *Elogio da razão sensível*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1997.

_____. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MORAIS, Régis de. *O que é violência urbana?* São Paulo: Brasiliense, 1985.

NJAINÉ, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface - Comunic, Saúde, Educ.*, Botucatu, v. 7, n. 13, p. 119-34, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Pesquisa em educação e estudos da vida cotidiana: o desafio da coerência. *Educação e Cultura Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 173-190, 2009.

_____. Aprendendo nos/dos/com os colidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, p. 47-72, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Memória e história: as marcas da violência. *Revista de história e estudos culturais*, Uberlândia, v. 3, ano III, n. 3, jul./set, 2006.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo Perspec*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 122-128, 2000.

ROLIM, Marcos. *Mais educação, menos violência*: caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana. Brasília: UNESCO; Fundação Vale, 2008.

SANGARI, Ben. Violência, educação, cidadania (Apresentação). In: WAISELFIZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2010*: anatomia dos homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2010. p. 5-6.

SATREPRAVO, Fernando Augusto; MEZZADRI, Fernando Marinho. Esporte, relações sociais e violências. *Motriz*, Rio Claro, v. 9, n. 1, p. 59- 63, jan./abr. 2003.

WAISELFIZ, Julio Jacobo. *Mapa da violência 2010*: anatomia dos homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2010.

Recebido em janeiro de 2011.

Aprovado para publicação em abril de 2011.

